



13º
Congresso
Brasileiro de
Fertilizantes

ANAIIS
2026



ANDA
ASSOCIAÇÃO NACIONAL
PARA DIFUSÃO DE ADUBOS

4

Cerimônia de Abertura

Elias Alves Lima, Presidente do Conselho de Administração da ANDA

Roberto Rodrigues, Professor Emérito da FGV

Geraldo Melo Filho, Secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo

Arnaldo Jardim, Deputado Federal

Cleber Soares, Secretário-executivo do Ministério da Agricultura e Pecuária

Pedro Lupion, Deputado Federal e Presidente da Frente Parlamentar da Agropecuária

Márcio Fernando Elias Rosa, Ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços

Geraldo Alckmin, Vice-presidente da República

12

Homenagem Especial

“Protagonistas da Indústria de Fertilizantes no Brasil”

Alceu Elias Feldmann, Fundador e Presidente do Grupo Fertipar

14

Painel 1

Geopolítica e os Fertilizantes. Como o Brasil pode reduzir vulnerabilidades

Debatedores

Marcelo Altieri, Presidente da Yara Brasil

Matias Spektor, Diretor da Escola de Relações Internacionais da Fundação Getúlio Vargas – FGV

Rubens Barbosa, Embaixador, Diretor Presidente do Instituto de Relações Internacionais e Comércio Exterior – IRICE

Coordenador

Eduardo de Souza Monteiro, *Country Manager* da Mosaic

20

Painel 2

A Economia Brasileira, o Agronegócio e os Fertilizantes: riscos e oportunidades do desequilíbrio entre a oferta e a demanda global

Palestrante

André Pessôa, Presidente da Agroconsult

Debatedor

Jeferson Souza, Analista de Insumos na Agrinvest Commodities

Coordenador

Gustavo Zaitune, Vice-presidente do Conselho de Administração da ANDA e CEO da Adufertil

26

Nutrientes para a Vida

Comunicando o valor dos Fertilizantes

Palestrante

Prof. Valter Casarin, Coordenador Técnico e Científico da NPV

28

Homenagem ANDA

Prêmio Carlos Florence: reconhecimento à pesquisa e à inovação

Saudação

José Carlos Polidoro, Representante da Comissão Julgadora

Entrega

Elias Alves Lima, Presidente do Conselho de Administração da ANDA

George Wagner Bonifácio e Sousa, Presidente da AMA-Brasil e Conselheiro da ANDA

Premiado

Euler dos Santos Silva, Universidade Federal de Lavras

Menções honrosas

Everton Geraldo de Moraes, Universidade Federal de Lavras

Ingrid Martins Stelutti, ESALQ/USP

José Fernando de Oliveira Delgado, Universidade Estadual de Londrina

Leonardo José Vitti, Instituto Agrônomo de Campinas

Leônidas Canuto dos Santos, Universidade Federal de Lavras

32

Painel 3

Do Potencial à Escala: reindustrializar para crescer, descarbonizar para liderar

Debatedores

Eliane Cristina Barbosa Cardoso, Diretora Executiva da Coocacer Araguari

Fabício Soler, Advogado especializado em Direito Ambiental, Sócio da S2F

Felipe Pecci, Vice-presidente Comercial da Mosaic

Coordenador

Guilherme Schmitz, Vice-presidente de Marketing e Agronomia da Yara Brasil

40

Painel 4

Política, Economia e Campo: desafios para os próximos anos

Palestrante

William Waack, Jornalista

Coordenador

Elias Alves Lima, Presidente do Conselho de Administração da ANDA

48

Encerramento

Elias Alves Lima, Presidente do Conselho de Administração da ANDA

Cerimônia de Abertura

A vitória sobre as adversidades na construção de um novo futuro



Com apresentação de Sara Kirchhof, o 13º Congresso Brasileiro de Fertilizantes, que aconteceu no WTC Sheraton São Paulo Hotel, teve transmissão ao vivo pelo YouTube. O patrocínio Master foi de FertMinas, Indorama, Mosaic, NAQ Global, Teixeira Têxtil e Yara Brasil. O patrocínio Ouro contou com Armac, Bulk Liquid Solutions, K+S Brasileira, OCP Brasil, Rafitec Embalagens, Suresh Speciality e Transcopa Porto de São Sebastião. E o patrocínio Prata foi de Acron, Cesari e Galvani.

A presença de autoridades nos âmbitos estadual e federal é uma constante nas cerimônias de abertura do CBFer. Nesta 13ª edição, além das autoridades que se fizeram presentes, algumas enviaram vídeos, que foram devidamente apresentados.

Presentes à abertura, ao lado de **Elias Alves Lima**, Presidente do Conselho de Administração da ANDA, estiveram **Geraldo Alckmin**, Vice-presidente da República; **Cleber Soares**, Secretário-executivo do Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA); **Geraldo Melo Filho**, Secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo; e **Roberto Rodrigues**, Professor emérito da Fundação Getúlio Vargas. A eles somaram-se **Márcio Elias Rosa**, Ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços; o Deputado federal **Arnaldo Jardim**; e o Deputado federal **Pedro Lupion**, Presidente da Frente Parlamentar da Agropecuária, que se manifestaram por vídeo.

Dando boas-vindas aos participantes — presenciais e virtuais, que assistiam pelo canal da ANDA no YouTube — Elias Alves Lima destacou o papel do CBFer como “principal encontro do setor no Brasil, espaço de diálogo, de conhecimento, de inovação e, acima de tudo, de construção do nosso futuro. Um evento coerente com o compromisso da indústria de fertilizantes, debatendo sustentabilidade e a agricultura de baixo carbono”.

O pronunciamento também sinalizou o tom que permeou todos os painéis: a constatação de que este é “um dos períodos mais desafiadores das últimas décadas. Desde a pandemia, nosso setor enfrenta um verdadeiro teste de resistência. São guerras em regiões produtoras, restrições comerciais, gargalos logísticos, oscilações cambiais e incertezas geopolíticas. Tudo isso colocou em risco a segurança global de abastecimento. Mas o nosso setor responde com muita competência, planejamento, resiliência e responsabilidade”.



Elias Alves Lima, Presidente do Conselho de Administração da ANDA

Os números apresentados por Lima confirmam essa premissa, pois, “mesmo importando quase 90% dos fertilizantes consumidos no Brasil, conseguimos manter o abastecimento do mercado nacional. De janeiro a maio deste ano, foram entregues mais de 15 milhões de toneladas de fertilizante, volume suficiente para atender às necessidades desse período”. Esse resultado ajudou a preservar aquilo que o Brasil tem de mais estratégico, comemorou Lima, “a força do seu agronegócio, que continua alimentando o nosso país e contribuindo para a segurança alimentar mundial”, mas carrega também a responsabilidade de o setor enfrentar o desafio de “produzir mais no país e melhorar as facilidades e condições de entrada das importações. Só assim, com equilíbrio entre a produção e a importação, conseguiremos compor a segurança de suprir o mercado de fertilizantes”.

Além de defender o fortalecimento permanente do Plano Nacional de Fertilizantes, entendido como política de Estado estratégica — voltada à ampliação da produção nacional, ao fomento de uma melhor distribuição, ao suprimento equilibrado do mercado, à atração de investimentos, à modernização da indústria e ao investimento em pesquisa e inovação —, o Presidente da ANDA saudou “a aprovação pelo Congresso Nacional, no último dia 11 de agosto, do Programa de Desenvolvimento da Indústria de Fertilizantes, o Profert, e o avanço do PLP 114 de 2026 no Congresso Nacional”.

Para ele, são iniciativas importantes que, se bem regulamentadas e somadas a outras medidas, poderão estimular novos investimentos, expandir fábricas, modernizar plantas industriais, gerar empregos, agregar tecnologia e fortalecer a segurança de abastecimento.

Lima listou, ainda, as conquistas do setor em inovação, sustentabilidade e produtividade, fruto de investimento em pesquisa e desenvolvimento de produtos que atendem à agenda ambiental, utilizando novas fontes de energia — como amônia obtida a partir do hidrogênio gerado por fontes renováveis e soluções baseadas no biometano —, que permitem “produzir mais, melhor, com menor impacto ambiental”.

ÚLTIMOS 50 ANOS E OS NOVOS TEMPOS

Roberto Rodrigues, em sua fala, focou na questão da estratégia, resumindo os últimos 50 anos de avanços na produção agropecuária brasileira, período em que o país “desenvolveu e incorporou tecnologia graças à estratégia pública a que o setor privado respondeu, e respondeu principalmente aos temas colocados por Alysson Paolinelli, Prodecer e Polocentro, que chamaram o produtor rural para o Centro-Oeste. E o agro explodiu. Explodiu com a soja, com o zebu, com a braquiária, dando espaço para o surgimento da agricultura tropical extraordinária. E o mercado se abriu lá fora”.

Reconhecendo a importância e a grandiosidade desse movimento, que colocou o Brasil como o maior exportador mundial de alimentos, Rodrigues reconhece que “o mundo está diferente e muito mais complicado, com uma geopolítica inesperada e uma questão comercial que afeta os países produtores sem estratégia, como o nosso”.

Para ele, essa estratégia tem de ser integrada pelo agronegócio brasileiro, pois “está na hora de a gente somar o setor privado inteiro: produtores rurais, produtores de insumos, bancos, tradings, todos juntos, com uma ação concreta, integrada com o governo buscando uma estratégia definitiva. Nós podemos ser, de fato, os produtores mundiais responsáveis pelo fim da fome no mundo e pela nova energia renovável, cuidando do clima, gerando riqueza e emprego nos países pobres do mundo inteiro. Temos o potencial de ser o patrocinador da paz mundial”.



Roberto Rodrigues, Professor emérito da Fundação Getúlio Vargas

PROJETO DE ESTADO

Geraldo Melo Filho, secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, em seu pronunciamento, reforçou a necessidade de “sentarmos à mesa sem vaidades em torno de um projeto de Estado e com uma visão de futuro de onde queremos chegar, garantindo o fortalecimento e a continuidade das metas do Plano Nacional de Fertilizantes, estabelecidas até 2050”.

A meta é trabalhar a favor de sua vocação, que é produzir no campo, informou, convicto de que “é o agro que reúne as condições naturais, tecnológicas e de pessoal para entregar o crescimento de que o país necessita, integrando produtores, agroindústria, pesquisa e extensão”.

“Se o Brasil tiver juízo e consciência, isso vai acontecer. Nenhum país permite que seu setor estratégico seja ameaçado sem estruturar um planejamento para enfrentar a situação”, assegurou Melo Filho.



Geraldo Melo Filho, secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo

Rafitec
EMBALAGENS



**EMBALAGENS DESENVOLVIDAS
PARA IMPULSIONAR O
AGRONEGÓCIO BRASILEIRO.**

Saiba mais
sobre **nossas**
soluções



49 3353 - 8383



rafitec.com.br



rafitec_



comercial@rafitec.com.br

RECURSOS PARA O SETOR

“O Estado brasileiro colocou de pé o Plano Nacional de Fertilizantes e o Plano Nacional de Recuperação de Áreas Degradadas. A meta de converter 10 milhões de hectares degradados ao longo de dez anos demandará um acréscimo de pelo menos 15 milhões de toneladas de fertilizantes sobre o consumo atual de mais de 50 milhões de toneladas”, informou **Cleber Soares**, secretário-executivo do Ministério da Agricultura e Pecuária, listando entre as conquistas a disponibilização de R\$ 525 bilhões no Plano Safra 2026/2027, sendo R\$ 385 bilhões destinados ao custeio.

Soares também comunicou o lançamento da linha Brasil Soberano, “dedicada exclusivamente ao setor de fertilizantes, a programas de renegociação de dívidas, e a Resolução 3 de 2026 da Conaportos, que assegura atracação e desembarque prioritários de fertilizantes nos portos brasileiros para reduzir custos de armazenagem e *demurrage*”.



Cleber Soares, secretário-executivo do Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA)

Em seu balanço de atividades, agregou a atuação na Diplomacia de Fertilizantes junto ao Itamaraty e aos adidos agrícolas para mitigar a dependência de potássio, amônia, ureia, fósforo e enxofre em relação a fornecedores externos; e o Plano Nacional de Bioinsumos, que vem “avançando a uma média de 14% ao ano, alcançando um faturamento superior a R\$ 6,5 bilhões em 2025 e quase 1.300 produtos registrados no país”. Ele concluiu assegurando que “essa estruturação pública fortalece o protagonismo do Brasil na superação dos gargalos de segurança alimentar, energética e climática”.

INSUMOS FUNDAMENTAIS

“Na relatoria da Política Nacional para Minerais Críticos e Estratégicos, incluímos os fertilizantes como insumos fundamentais”, comentou o deputado federal **Arnaldo Jardim**, justificando a decisão com a alegação de que “uma potência agroambiental como o Brasil não pode conviver com tamanha vulnerabilidade externa no fornecimento de adubos, quadro que prejudica a busca pela soberania nacional e a competitividade internacional. É essencial harmonizar critérios de suprimento e expansão fabril doméstica às diretrizes de aumento de produtividade praticadas pelo agronegócio brasileiro”.

Para ele, a aprovação do Profert no Congresso Nacional “foi um passo determinante para consolidar uma visão estratégica de longo prazo para a indústria. Somam-se a essa medida a aprovação



Arnaldo Jardim, deputado federal

da Lei dos Bioinsumos, cuja regulamentação demanda participação ativa, e a necessidade de assegurar efetividade prática ao funcionamento do Confert. São marcos regulatórios e políticas públicas indispensáveis para dar respaldo a toda a cadeia de produção e distribuição de nutrientes no país”.

MOMENTO COMPLEXO

O reconhecimento da complexidade do momento esteve presente no discurso do deputado federal **Pedro Lupion**, Presidente da Frente Parlamentar da Agropecuária. Segundo ele, “o setor produtivo enfrenta um momento severo, marcado pela elevação expressiva dos custos de produção e por entraves no custeio agrícola. Os produtores rurais encontram-se altamente endividados, situação que repercute de forma direta sobre a solvência financeira das empresas fornecedoras e comprime a demanda no mercado nacional de fertilizantes”.

Ao definir como foco do trabalho legislativo em Brasília “dar alento aos produtores rurais e mitigar essa crise de crédito que afeta toda a cadeia produtiva”, Lupion citou a imprescindibilidade de as políticas públicas assegurarem “mecanismos



Pedro Lupion, Presidente da Frente Parlamentar da Agropecuária

urgentes de suporte ao campo e criar condições para que o mercado brasileiro se fortaleça, garantindo estabilidade econômica a quem produz e a quem fornece insumos fundamentais para a safra”.



Márcio Elias Rosa, Ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços

PRESERVAÇÃO DA ESTRUTURA EXISTENTE

Márcio Elias Rosa, Ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, ao reconhecer o fertilizante como “um insumo absolutamente estratégico e essencial para o país, o que exige a execução de medidas firmes para reduzir as vulnerabilidades da cadeia”, elencou a atuação das políticas públicas “na preservação da estrutura econômica existente, na atração de novos fornecedores e no aumento da produção nacional”.

A opinião de Rosa sobre a atuação do governo federal na retomada operacional de unidades industriais paralisadas — como as plantas de Araucária, as Fafens na Bahia e em Sergipe, e o complexo de Serra do Salitre — “comprova a viabilidade de recuperar a capacidade fabril doméstica a partir de decisões estruturadas”.

Além disso, a recomposição do Confert e a aprovação legislativa do Profert indicam a consolidação de um ambiente favorável para o setor: “É imperativo mantermos o alinhamento institucional para garantir expansão da capacidade produtiva, acesso a novos mercados e linhas de crédito acessíveis aos empreendedores que investem na indústria de fertilizantes, assegurando o suprimento necessário ao desenvolvimento econômico nacional”.

MEDIDAS EMERGENCIAIS PARA FOMENTO E DESONERAÇÃO

Encerrando a cerimônia de abertura do 13º CBFer, **Geraldo Alckmin** — Vice-presidente da República — listou as diretrizes de políticas públicas voltadas ao enfrentamento das turbulências internacionais no abastecimento de insumos e combustíveis, que “contemplam medidas emergenciais de desoneração e fomento aos biocombustíveis”.

A relação de Alckmin inclui, ainda, ações voltadas a mitigar os choques geopolíticos no comércio exterior, como a eliminação das alíquotas de PIS e Cofins sobre o óleo diesel, com a concessão de subvenções e a elevação mandatória das misturas de combustíveis renováveis, com o biodiesel alcançando 15% e o etanol anidro na gasolina passando a 32%, reduzindo a exposição aos derivados de petróleo.

O Vice-presidente da República também discorreu sobre a estratégia adotada para diminuir a dependência das importações, que foca na recuperação da infraestrutura industrial e no aproveitamento das reservas minerais do país. Segundo ele, “na cadeia de nitrogenados, as ações buscam ampliar a oferta de gás natural por meio da exigência de conexão de gasodutos a novos projetos de prospecção, aliada à retomada operacional das fábricas de Camaçari (BA), Araucária (PR) e Sergipe, e à finalização da planta de Três Lagoas (MS) em até um ano e meio, com potencial para atender cerca de 35% da demanda nacional. No segmento de potássio, destaca-se o destravamento dos processos jurídicos e ambientais para a exploração da jazida de Autazes (AM)”.

Comunicou que, para responder à volatilidade na oferta de fosfatados, enxofre e ácido sulfúrico — matérias-primas sob forte estresse de disponibilidade e preços —, a política externa mobiliza uma rede de 40 embaixadas em ações dedicadas à diplomacia de fertilizantes, com negociações avançadas no Marrocos para assegurar canais estáveis de suprimento e ampliar a diversificação das importações indispensáveis ao equilíbrio nutricional das lavouras.

Em seu pronunciamento, citou que a estruturação de instrumentos de crédito e marcos regulatórios busca impulsionar a capacidade nacional, como o Profert, o programa Brasil Soberano 3 e o PLP 114, que suspende a cobrança do Adicional ao Frete para Renovação da Marinha Mercante (AFRMM) e concede crédito tributário de R\$ 1 bilhão anual até 2031 para desonerar custos logísticos e fabris.



Geraldo Alckmin, Vice-presidente da República



NAQ Global Reforça Seu Compromisso com o Brasil com Nova Inovação em Aditivos para Mineração e Fertilizantes

No 13º Congresso Brasileiro de Fertilizantes, Dr. Anmol Mathur, Diretor de Tecnologia, Inovação e Excelência da empresa, apresentou avanços desenvolvidos para ajudar os produtores a obter mais de cada tonelada de matéria-prima de fertilizante.

Os fertilizantes continuam sendo um dos insumos mais críticos para a agricultura, e a demanda por eles continuará crescendo, segundo o Dr. Anmol Mathur, Diretor de Tecnologia, Inovação e Excelência da NAQ Global Companies. Dr. Anmol, que possui graduação e doutorado em Engenharia Química e Biomolecular pelo Georgia Institute of Technology e pela Johns Hopkins University, dedicou sua carreira a um problema aparentemente simples: como obter mais fertilizante acabado a partir da mesma tonelada de matéria-prima.

Esse problema ganhou uma nova urgência. O fechamento do Estreito de Ormuz, após o início do conflito no Golfo Pérsico em fevereiro de 2026, interrompeu uma rota que normalmente transporta quase um terço do comércio mundial de fertilizantes por via marítima, elevando acentuadamente os preços da ureia e dos fosfatados. Produtores, processadores e misturadores de toda a indústria reagiram buscando maneiras de extrair mais valor dos materiais com os quais já trabalham, uma busca que colocou os aditivos de alta performance no centro das discussões.

Aditivos de alta performance podem reduzir perdas em todas as etapas da produção de fertilizantes, mantendo as operações economicamente eficientes mesmo com o aumento dos custos dos insumos.

A NAQ Global teve forte presença no 13º Congresso Brasileiro de Fertilizantes (CBFer) organizado pela ANDA, onde apresentou sua linha Green Technology de aditivos e recobrimentos a um público recorde de participantes do setor. Para o Dr. Anmol, o congresso reforçou a posição central do Brasil na estratégia global da NAQ Global e o relacionamento de longa data com produtores e misturadores brasileiros.

O Brasil ilustra a dimensão desse desafio. O país permanece entre os maiores consumidores de fertilizantes do mundo, e o CBFer deste ano dedicou atenção significativa à dependência brasileira de importações, estimada em 85% dos fertilizantes utilizados atualmente. A nova capacidade doméstica, incluindo uma planta de fertilizantes nitrogenados planejada para Três Lagoas, deverá alterar gradualmente esse equilíbrio, mas grande parte dessa produção futura ainda dependerá de matérias-primas importadas, como enxofre, amônia e minério de potássio. A pressão de custos percorre toda a cadeia, e não apenas os fertilizantes importados.

Mineração: Obtendo Mais de Cada Minério

Na mineração, coletores de alta performance tornaram-se essenciais para extrair a maior quantidade possível de mineral de valor sem abrir mão da seletividade, seja o minério proveniente de uma operação brasileira ou destinado a uma cadeia de exportação. As equipes de P&D da NAQ Global na Índia, nos Estados Unidos e no Brasil trabalham em conjunto para ajustar a química dos coletores da empresa a minerais específicos de interesse e ampliaram sua linha de produtos químicos para mineração para incluir minerais críticos e terras raras, refletindo o crescente interesse global nesse segmento em rápida expansão.

Ácido Fosfórico: Produção Mais Segura e Eficiente

Eficiência operacional, segurança e disponibilidade da planta são essenciais na produção de ácido fosfórico atualmente, independentemente da origem da matéria-prima. Além de suas linhas de produtos existentes, as equipes de P&D da NAQ Global na Índia, nos Estados Unidos e no Brasil desenvolveram novos antiespumantes à base de água que controlam a espuma mesmo em condições extremas, mantendo-se seguros nas altas temperaturas típicas das plantas de ácido fosfórico. Uma linha complementar de anti-incrustantes para trocadores de calor amplia o tempo de operação entre os ciclos de manutenção, melhorando a produtividade geral sem exigir grandes investimentos de capital.

SSP e TSP: Cura Mais Rápida, Maior Produção

Na produção de SSP e TSP, um dos avanços de maior impacto da NAQ Global reflete um esforço conjunto de P&D entre as equipes da empresa na Índia, nos Estados Unidos e no Brasil. Introduzido no mercado há aproximadamente dois anos, o acelerador de reação é um surfactante altamente ativo que conduz o ácido para pequenas cavidades e fissuras da rocha que, de outra forma, não seriam alcançadas, acelerando a etapa de transferência de massa que limita a velocidade da reação entre o ácido e a rocha. O agente de cura complementar tornou-se um dos produtos mais populares da empresa, reduzindo o tempo de cura aproximadamente pela metade e quase dobrando a capacidade de produção. Fabricantes que testaram o produto com diversas fontes de rocha fosfática, tanto nacionais quanto importadas, relataram resultados consistentemente positivos.

Tratamento de Fertilizantes Importados: Protegendo Cada Tonelada

Com aproximadamente 85% do suprimento de fertilizantes do Brasil chegando do exterior, proteger esse produto após sua chegada tornou-se uma disciplina própria. Fertilizantes transportados e manuseados por longas distâncias frequentemente desenvolvem problemas de empedramento e geração de pó, que podem criar riscos de manuseio e perdas de produto. Desenvolvida em conjunto pelas equipes de P&D da NAQ Global na Índia, nos Estados Unidos e no Brasil, a tecnologia da empresa para tratamento de fertilizantes importados, combinada com sistemas de dosagem adequados e expertise em aplicação, ajuda a prolongar a vida útil do fertilizante importado e reduzir essas perdas, protegendo seu valor desde o porto até o campo.

Olhando para o Futuro

Na mineração, produção de ácido, granulação, armazenagem, manuseio e tratamento de fertilizantes importados, o princípio é o mesmo: as equipes de P&D da NAQ Global na Índia, nos Estados Unidos e no Brasil estão focadas em obter maior desempenho de cada insumo, seja ele recebido por navio ou proveniente de uma mina próxima. Os desenvolvimentos descritos aqui abordam desafios urgentes do setor brasileiro de fertilizantes e representam apenas parte do trabalho mais amplo da NAQ Global. À medida que o setor de fertilizantes do Brasil busca reduzir sua exposição a choques globais, a NAQ Global afirma que pretende continuar investindo em tecnologias que ajudem os produtores a fazer mais com menos.

INFORME PUBLICITÁRIO

www.naqglobal.com | anmol@naqglobalcorp.com

Homenagem Especial

“Protagonistas da Indústria de Fertilizantes no Brasil”

Alceu Elias Feldmann,
Fundador e Presidente do Grupo Fertipar



Um agradecimento por todo trabalho e dedicação ao setor de fertilizantes a um nome, aprovado unanimemente pelos conselheiros da ANDA.

Com essas palavras, Elias Alves Lima, Presidente do Conselho de Administração da ANDA, deu início à homenagem a Alceu Elias Feldmann, Fundador e Presidente do Grupo Fertipar, cuja história se confunde com a própria revolução dos fertilizantes no Brasil.

A homenagem envolveu a apresentação de um vídeo sobre a carreira de Feldmann, assim como a entrega de uma placa da ANDA e da obra “Cafezal e Flor”, arte naif brasileira do artista mineiro Francisco Severino. As entregas foram feitas por Roberto Rodrigues e por Elias Lima, na presença do Vice-presidente da República, Geraldo Alckmin.

Ao agradecer sobre a homenagem recebida, Feldmann falou sobre a iniciativa da ANDA e sobre o fato de ser o primeiro laureado desse novo programa, que a partir de agora homenageará, todos os anos, um líder relevante para o setor.

“Esse prêmio vindo da ANDA é algo excepcional, porque a entidade é composta por pequenos, médios e grandes misturadores, além de importadores e produtores. Ela é a legítima representante do nosso segmento. Portanto, na realidade, estou recebendo essa homenagem dos meus pares, dos meus amigos com quem trabalho junto há 55 anos”, declarou, emocionado com o fato de vir de pessoas que considera como amigos e que “em alguns momentos somos sócios, fornecedores, clientes ou concorrentes, mas estamos sempre lutando, juntos, pelo setor de fertilizantes.”

Após agradecer também a seus familiares, aos sócios e “à equipe da Fertipar, que me acompanhou durante todos esses anos”, compartilhou a homenagem “com todos que contribuíram para consolidar essa indústria tão determinante para o sucesso da nossa agricultura. Há fatores importantes como sementes e maquinários, mas o fertilizante é a nutrição do sistema. Adubando o solo, colhemos alimentos. Receber este reconhecimento das mãos do Vice-presidente da República e do nosso sempre ministro da Agricultura me deixa extremamente grato.”



QUEM É ALCEU ELIAS FELDMANN

Engenheiro agrônomo, formado em 1970 pela Universidade Federal do Paraná, o garoto de escola pública começou como estagiário na Ultra-fértil, em 1969. O que era um estágio virou uma paixão para toda a vida e conduziu à criação da Fertipar em janeiro de 1980. Uma pessoa que dedicou a vida a nutrir o futuro da nossa nação e com grandes e modernos misturadores contribuiu para a arrancada do Agro, liderando uma expansão estruturada pelo Paraná, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Nordeste.

Painel 1

Geopolítica e os Fertilizantes

Como o Brasil pode reduzir vulnerabilidades



GEOPOLÍTICA: DE EXCLUSIVIDADE DE ESPECIALISTAS A PONTO FOCAL DE DECISÕES DE EMPRESAS, PRODUTORES E GOVERNOS

As discussões do primeiro Painel do CBFer, intitulado “Geopolítica e os Fertilizantes. Como o Brasil pode reduzir vulnerabilidades”, concentraram-se nos entraves estruturais da indústria nacional e no papel estratégico dos bioinsumos, listando, ainda, os desafios de competitividade da indústria nacional. Isso porque, mesmo ocupando a quarta colocação entre os maiores consumidores globais de fertilizantes (após China, Índia e EUA) e sendo o único relevante no Hemisfério Sul, o Brasil importa excedentes do Hemisfério Norte em períodos de ociosidade, configurando um mercado de preços deprimidos (dumped market) que desestimula a produção doméstica.



Eduardo de Souza Monteiro, *Country manager* da Mosaic

O equacionamento dos problemas internos visando à consolidação do Brasil como potência do setor, como frisou o coordenador dos debates, **Eduardo de Souza Monteiro**, *Country manager* da Mosaic, depende de medidas imediatas para destravar o crédito e equalizar tarifas energéticas, combinadas a um marco regulatório estável que transforme a vantagem biológica em soberania produtiva de longo prazo.

Olhando pelo retrovisor, Monteiro lembrou que, durante muito tempo, “o setor de fertilizantes operou com a expectativa de que os fluxos internacionais funcionariam de maneira previsível, mas essa realidade mudou. Nos últimos anos, enfrentamos pandemia, guerras, sanções econômicas, restrições comerciais, problemas logísticos e uma crescente disputa global por energia, minerais e matérias-primas estratégicas. O mundo tornou-se mais fragmentado, volátil e imprevisível, cenário que exige atenção especial do Brasil”.

Ao longo de 70 minutos, o cenário foi traçado pelos debatedores — **Marcelo Altieri**, Presidente da Yara Brasil; **Matias Spektor**, Diretor da Escola de Relações Internacionais da Fundação Getúlio Vargas; e o Embaixador **Rubens Barbosa**, Diretor-presidente do Instituto de Relações Internacionais e Comércio Exterior (IRICE). Eles concordam quanto aos gargalos existentes, que dificultam a competitividade nacional, mas também sinalizam caminhos.

Entre as dificuldades, os participantes destacaram o custo desproporcional do gás natural no Brasil, contra o preço praticado no Golfo do México, colocando a indústria instalada em território brasileiro em desvantagem, uma vez que o insumo representa 80% do custo dos fertilizantes nitrogenados. A solução depende de investimentos pesados que só serão viabilizados com uma política pública focada na redução estrutural desse custo energético.

Outro exemplo faz referência aos subsídios a custos operacionais praticados por potências agrícolas estrangeiras visando à proteção de seus mercados, enquanto a indústria brasileira carece de marcos regulatórios e incentivos imediatos equivalentes.

No âmbito doméstico, dificuldades agregam-se à lista, como a retração de crédito, tida como a pior dos últimos 20 anos, que comprime o poder de compra do produtor rural e ameaça os volumes de safra e a arrecadação de divisas; o ônus fiscal resultante de mudanças tributárias recentes, incluindo ajustes em PIS/Cofins, que encareceram os custos diretos da agricultura; e o fechamento de plantas industriais de enxofre no país. Este último ponto, diretamente vinculado ao risco em insumos essenciais, reforça a necessidade de socorro emergencial e de iniciativas de médio prazo (como o Profert).

No tocante à dependência de insumos importados, o caminho que vem sendo buscado envolve a agricultura regenerativa e os bioinsumos, duas opções passíveis de reduzir a vulnerabilidade geopolítica, uma vez que “o país tem biodiversidade e capacidade para ser autossuficiente na produção dessas biotecnologias, embora não eliminem a necessidade dos adubos convencionais”, comentou Monteiro.

DIVERSIFICAÇÃO E RESILIÊNCIA

Nesse contexto, para Monteiro, duas palavras são fundamentais: diversificação e resiliência: “Precisamos diversificar as origens dos fertilizantes e das matérias-primas. Não é saudável para uma potência agrícola estar excessivamente exposta a poucos países fornecedores e rotas logísticas. Não se trata de abandonar parceiros comerciais tradicionais, mas de ampliar alternativas, construir novas relações e reduzir a dependência”.

Afetada por todo esse cenário, a Yara — como informado por seu Presidente — viu-se na contingência de “modificar totalmente nossa cadeia de suprimentos para continuar operando. Aprendemos a diversificar fornecedores, realizar um planejamento logístico inteligente e aprimorar o controle de riscos. A competitividade hoje exige a capacidade de continuar adicionando valor mesmo sob instabilidade externa. Embora não tenhamos controle sobre as crises globais, podemos administrar nossa exposição ao risco”.

Ponto positivo citado por Altieri é que “o Brasil não precisa escolher entre alimentar o mundo ou proteger o planeta; é possível fazer ambos. Para isso, devemos focar em segurança de suprimento, inovação e descarbonização”.



Marcelo Altieri, Presidente da Yara Brasil

Transformando recursos em soluções essenciais para o **futuro** do **agronegócio**.

A missão de **ajudar o mundo a produzir os alimentos de que precisa** é o que guia a nossa atuação.

Como uma das maiores produtoras globais de fosfatados e potássio combinados, desenvolvemos **soluções que fortalecem o agronegócio brasileiro** e apoiam quem impulsiona o campo diariamente.

Com soluções de alta performance voltadas à eficiência e à nutrição de culturas agrícolas, unimos **inovação, segurança, sustentabilidade e responsabilidade socioambiental** para impulsionar a produtividade no campo.

Mosaic. Soluções essenciais para fortalecer o campo e alimentar o mundo.

Conheça mais sobre a Mosaic em nosso site e **acompanhe nossas redes sociais:**



mosaicco.com.br



[@mosaicnobrasil](https://www.instagram.com/mosaicnobrasil)



[@mosaicnobrasil](https://www.facebook.com/mosaicnobrasil)



[@mosaicbr](https://www.linkedin.com/company/mosaicbr)

A solução de todos os problemas passa pela segurança regulatória, licenciamento eficiente, infraestrutura, competitividade tributária para corrigir distorções, além de investimentos e de uma estratégia de longo prazo que não seja alterada a cada mudança de governo, assim como pela implementação de uma estratégia coordenada entre o Estado e o setor privado, na qual se insere a inovação como parte do processo. Ela também agrega a diversificação das exportações, com redução da dependência da China, um parceiro estratégico fundamental, mas com concentração elevada das vendas agrícolas brasileiras, como sinalizou Spektor, lembrando que a China é o destino de 30% das exportações do agro, “o que se configura como um risco estratégico estrutural de médio prazo”.

Spektor entende que o governo federal “tem sinalizado avanços ao prospectar a Ásia, com visitas recentes à Coreia do Sul, à Indonésia e à Índia, além da negociação de acordos comerciais com Singapura, Japão e Coreia do Sul”. Fundamenta sua esperança na estatística: “O Brasil registrou no último ano um volume comercial maior com o Vietnã do que com quase todos os países da América Latina, à exceção de México, Argentina e Chile”.

O Diretor da Escola de Relações Internacionais da Fundação Getúlio Vargas inseriu na discussão uma dimensão: “O fato de que o Brasil, sendo um país que não tem inimigos externos — é um fenômeno da natureza, é o único país na história da humanidade que tem dez vizinhos contíguos e não vai à guerra com nenhum desses vizinhos há mais de um século —, e isso é ótimo, mas o fato de o Brasil não ter inimigo externo significa que o pior inimigo do Brasil é ele próprio.”

Essa realidade – garante Spektor – é a responsável pelo “nosso sistema político ser todo desenhado para assegurar que pequenos grupos de interesse consigam atrapalhar o desenvolvimento econômico do país. Isso também torna nosso marco regulatório um vexame.” Ele alertou para a necessidade de “acordarmos para o fato de que a geopolítica mudou, e mudou de vez, e a agricultura brasileira vai precisar encontrar um novo caminho e um novo equilíbrio para se manter rentável, ou a gente vai numa direção que longe está de ser essa experiência boa dos últimos tempos.”



Matias Spektor, Diretor da Escola de Relações Internacionais da Fundação Getúlio Vargas - FGV

DIPLOMACIA: FRAGILIDADE CONHECIDA

A abertura de mercados internacionais é uma solução lembrada pelos debatedores, assim como o suprimento de fertilizantes. Em comum está a certeza de que ambas carecem de uma prática pouco absorvida pelo Brasil: o uso adequado da diplomacia. Nesse quesito, o Brasil é deficiente.

Como assegurou o Embaixador **Rubens Barbosa**, “o Brasil não utiliza a sua diplomacia. O Brasil desfrutou de um período de tranquilidade e expansão até a virada do século. Mas o mundo dos últimos oitenta anos, pautado pelo multilateralismo pós-guerra, acabou. Muitas lideranças políticas no Brasil ainda não compreenderam essa mudança estrutural. Globalmente, o conceito prioritário agora é o da segurança econômica; os países tentam garantir autonomia sobre suas vulnerabilidades”.

Barbosa exemplificou citando ocorrências como a guerra na Ucrânia, que expôs a fragilidade brasileira. “É inconcebível que o Brasil, maior exportador de produtos agrícolas e cujo agronegócio é o motor da economia, admita uma dependência de até 90% em fertilizantes. Essa situação desenvolveu-se ao longo das décadas junto com o avanço do agronegócio, sem o devido planejamento estratégico”, criticou o Embaixador.

Ao quadro citado, o Embaixador agrega “o enfraquecimento de instituições como a OMC e a ONU. Hoje impera a lógica de proteção autônoma. No entanto, o debate público e eleitoral brasileiro continua genérico e ignora essas vulnerabilidades estruturais. A superação dessa dependência externa e os avanços na logística ou na educação exigem políticas de Estado, de médio e longo prazo, e não projetos efêmeros. O último exercício de planejamento estruturado no país ocorreu na década de 1970”.



Rubens Barbosa, Embaixador, Diretor-presidente do Instituto de Relações Internacionais e Comércio Exterior - IRICE

“A diversificação comercial observada recentemente foi impulsionada pela iniciativa privada e não por liderança estatal”, informa o Diretor-presidente do IRICE, destacando que, “ainda assim, é fundamental reconhecer os avanços nas negociações do Mercosul — com a conclusão de acordos ou tratativas com a União Europeia, Singapura, Japão e Canadá —, a despeito de posições divergentes de vizinhos como Argentina e Uruguai. A relação com a China é crítica, pois o mais recente plano quinquenal chinês sinaliza a intenção de reduzir a importação de alimentos para assegurar a autonomia e mitigar os riscos associados à dependência externa. O próximo governo precisará desenhar políticas estruturantes pautadas pela urgência da segurança econômica”.

Painel 2

A Economia Brasileira, o Agronegócio e os Fertilizantes:

riscos e oportunidades do
desequilíbrio entre a oferta e a
demanda global



CENÁRIO NACIONAL E PERSPECTIVAS GLOBAIS EM ANO DE EL NIÑO

O panorama traçado para a safra e o mercado de fertilizantes aponta para um ciclo complexo, com desaceleração na expansão de área, margens comprimidas e severas restrições financeiras.

Essa é, resumidamente, a opinião exposta por **André Pessôa**, Presidente da Agroconsult, em sua palestra no segundo painel do CBFer, denominado “A Economia Brasileira, o Agronegócio e os Fertilizantes: riscos e oportunidades do desequilíbrio entre a oferta e a demanda global”, coordenado por **Gustavo Zaitune**, Vice-presidente do Conselho de Administração da ANDA e CEO da Adufertil, tendo **Jeferson Souza**, Analista de Insumos da Agrinvest Commodities, como debatedor.

Ao fazer a abertura dos trabalhos, Zaitune destacou que a temática tem “impacto prático no dia a dia de todos nós”, estabelecendo um paralelo com o primeiro painel: “Acabamos de ouvir sobre a geopolítica, complexa, bastante volátil, imprevisível, e agora vamos trazer isso para o ambiente doméstico”.

Dicotomia, para Zaitune, é a palavra que espelha o momento. À sensação de um cenário que se assemelha a “uma tempestade perfeita”, caracterizando o ambiente como negativo no curto prazo devido a relações de troca piores do que as usuais e históricas, crédito escasso, juro elevado, risco climático e dívidas que se acumulam desde outras safras, Zaitune contrapôs a certeza de que, “no longo prazo, sabemos que o Brasil cresce e será bem-sucedido”.

ÁREA PLANTADA E PREÇOS

Começando sua exposição com informações sobre a área plantada com as principais commodities (soja, milho, trigo, algodão e café) na safra 2026/2027, Pessôa estima que a contribuição do avanço territorial para a demanda por insumos será reduzida. No caso da soja, por exemplo, não deve ser registrado crescimento, repetindo a área



André Pessôa, Presidente da Agroconsult

anterior de 49 milhões de hectares, em contraste com o avanço histórico de 500 mil a 1,5 milhão de hectares ao ano. Já para o milho, o consultor projeta ligeiro incremento em 2026/2027, dependente da janela da safrinha no início de 2027 e do clima.

Na opinião do consultor, o trigo sofreu retração expressiva, enquanto o algodão recupera parte da área cortada no ciclo anterior, amparado por rentabilidade razoável. O café segue em expansão com preços atrativos, enquanto a cana-de-açúcar repete a área total entre corte, soca, cana-planta e viveiros.

No quadro global de preços, a estimativa do Presidente da Agroconsult leva em consideração o fim das quedas acentuadas e o início de recuperação gradual. “Na soja, a temporada 2026/2027 marca o reencontro das curvas mundiais de oferta



Jeferson Souza, Analista de Insumos na Agrinvest Commodities

e demanda, com o consumo superando a colheita e drenando estoques acumulados, situando as cotações acima de US\$ 12 por *bushel*. O milho projeta déficit internacional para 2026/2027 diante da seca na Europa, dificuldades na Ucrânia e safra norte-americana menor que a anterior, com cotações ao redor de US\$ 5 por *bushel*. Trigo e algodão também desenham déficit global, com o cereal superando US\$ 6 por *bushel* e a pluma recuperando US\$ 0,80 por libra-peso", comenta, frisando que, apesar da reação nas cotações externas, "a rentabilidade do produtor segue pressionada pela assimetria entre custos e receitas".

Nesse sentido, por exemplo, na soja, a margem EBITDA histórica oscilava entre 20% e 25%, sendo que no ciclo pré-pandemia e até 2021/2022, a alta dos preços elevou as margens a patamares atípicos de 45% a 50%, acompanhados por forte inflação de custos. 2024/2025 marca a fase de recomposição de estoques, com os custos interrompendo a queda e voltando a subir em 2025/2026 e 2026/2027, na contramão das commodities. Com isso — frisou Pessoa — as margens EBITDA recuaram para patamares abaixo de 10% a 15%, com exceção de 2025, beneficiado por produtividade recorde no Cerrado.

Aspecto importante citado pelo consultor é que "essa compressão ocorre após uma expansão de 10 milhões de hectares de soja entre 2018/2019 e 2021/2022, cujos aportes em terras, maquinário e infraestrutura ainda não foram amortizados. No Médio-Norte de Mato Grosso, as margens para 2026/2027 caem pelo avanço dos custos com fertilizantes e insumos. A cana-de-açúcar também perdeu tração em rentabilidade, embora mantenha resultado positivo para usinas e fornecedores".

ENDIVIDAMENTO CRESCENTE

O descompasso econômico — na visão de Pessoa — reflete-se no endividamento bancário dos produtores de grãos e algodão, que saltou de R\$ 40 bilhões para quase R\$ 200 bilhões, sem considerar débitos com tradings, revendas ou passivos fundiários. A alavancagem média medida pela relação dívida sobre EBITDA, considerada saudável até duas vezes, aumentou em 2026 e caminha para perto de três vezes em 2026/2027, elevando o risco percebido e endurecendo o crédito. Dívidas contratadas a juros de 2% a 6% ao ano passaram a ser roladas a uma taxa básica de 15% e taxas de mercado entre 18% e 23%.

Conforme avaliou o Presidente da Agroconsult, três coisas se combinam para a materialização desse cenário: "margens apertadas, alavancagem ainda relativamente alta e subindo e um custo de capital, uma taxa de juros que é incom-

patível com qualquer atividade produtiva lícita. As lícitas, que é onde nós atuamos, não conseguem conviver com uma taxa de juros nesse nível, ainda mais por seguidos anos”. O resultado foi um volume recorde de créditos renegociados e inadimplidos, travando a formação da carteira da indústria.

Na estratificação dos produtores, cerca de 20% operam em condição vulnerável, com 80% da área arrendada e alavancagem de quatro a cinco vezes o EBITDA, sem gerar caixa para honrar arrendamento e banco. Por outro lado, 60% encontram-se em equilíbrio operacional, com metade da área própria, alavancagem de duas vezes o EBITDA e fluxo no ponto de equilíbrio, mantendo as lavouras sem novos investimentos. Outra parcela minoritária mantém baixa alavancagem e alta liquidez.

Considerando que as medidas oficiais para o endividamento atenderam ao Pronaf e parcialmente ao Pronamp, deixando desassistidos médios e grandes produtores, responsáveis por até 70% do passivo financeiro, Pessoa destacou que, “sem crédito, muitos recorreram ao barter, travando vendas antecipadas de soja a patamares deprimidos, entre R\$ 100 e R\$ 105 por saca”.

EL NIÑO AFETA PREVISÕES

“No campo meteorológico, os modelos apontam para um *El Niño* com anomalias de até 3,5°C no Pacífico. As projeções divergem quanto às chuvas no Cerrado entre setembro e outubro, enquanto coincidem na previsão de precipitações volumosas no Sul e corte hídrico em novembro e dezembro no Centro-Oeste”, resume o consultor, recomendando, com base nas análises da Agroconsult, “cautela à semeadura do milho safrinha, com os produtores evitando plantios além do início de fevereiro para não enfrentar escassez hídrica na fase reprodutiva”.

Em nutrição vegetal, as restrições financeiras provocaram redução nas dosagens, sobretudo de fósforo (P₂O₅), após sucessivos recordes de extração que atingiram 67 a 68 sacas por hectare em Mato Grosso e 71 sacas na Bahia. Conforme ponderou o consultor, “a maioria dos produtores com os quais nós temos contato tem feito isso buscando uma racionalidade técnica, dando uma olhada de quanto de reserva de fósforo ainda tem, mas pensando muito em não comprometer a produtividade por conta de restrição nutricional. Agora, está indo no limite. E o ano que vem vai ter que repor, vai ter que começar a repor”.

Diante das restrições de liquidez e da lentidão nas compras, a estimativa de entrega de fertilizantes no Brasil em 2026 situa-se em 45,31 milhões de toneladas, com viés de baixa. A tendência é de que o volume final possa recuar para a casa de 44 milhões de toneladas, sendo improvável que alcance 46 milhões de toneladas no encerramento do ano.



Gustavo Zaitune, Vice-presidente do Conselho de Administração da ANDA e CEO da Adufertil

REGIONALIZAÇÃO E INCERTEZAS

No papel de debatedor, o Analista de Insumos da Agrinvest Commodities focou sua fala no planejamento dos produtores que, assegura, já começa a mirar o ciclo 2027/2028, embora posições antecipadas fiquem restritas a perfis pontuais. A esse respeito, destacou que “antecipar ou não antecipar é uma decisão de cada um. Ela é pessoal e ela é intransferível. A decisão tem de ser tomada de acordo com o que faz sentido para o negócio. Só que o que acontece? Quem toma essas posições são grupos muito seletos”.

Na análise desse quadro, Souza também leva em consideração a regionalização do mercado nacional: “Essa característica exige cuidado, pois disparidades expressivas ocorrem dentro de um mesmo estado. Na compra de fertilizantes para a safrinha de milho em Mato Grosso, o Médio-Norte negociou de 75% a 80%, enquanto o Vale do Araguaia comprou entre 40% e 45%”.

Para o Analista de Insumos da Agrinvest, essa assimetria é percebida também em outras praças. “Goiás ainda registra 80% do mercado aberto, enquanto o Mapito atua com cautela frente ao clima e é o lugar que tem a maior sensibilidade para

rodar, porque o produtor quer primeiro ver a janela de plantio dele para depois fazer a conta da segunda safra”. O início dos trabalhos de plantio em meados de setembro em Mato Grosso — assegura Souza — servirá como termômetro decisivo para medir a janela e calibrar o ritmo da safrinha.

Outro fator de peso é a ascensão de culturas alternativas que alteram o uso de nutrientes por hectare. Exemplificando, o Analista cita Goiás, onde a área de sorgo, “impulsionada pelo *El Niño*, cresceu 50% em substituição ao milho, mexendo na dosagem de insumos aplicada pelo produtor”. No Rio Grande do Sul, a canola avançou de forma expressiva nos últimos três anos, enquanto a área de trigo recuou 30%, desequilibrando as projeções habituais de adubação por cultura e região.

Com isso, a estimativa do volume total de entregas no país fica sujeita a incertezas, dificultando sobremaneira as previsões. “Chegar a vocês e cravar um número, 43, 45, é uma tarefa extremamente difícil. Porque vocês têm de justificar esse número. E é difícil justificar quando você abre todas as partes. Porque nós temos de falar do fósforo, do potássio, do nitrogênio, e abrir por cultura. Então, é uma tarefa complexa e é uma equação difícil para esse ano”, resume o Analista.





Knowledge grows

O conhecimento transforma as pessoas, e as pessoas transformam o campo.

Desde 1905, a Yara cultiva uma relação de troca e confiança com agricultores, agrônomos, pesquisadores e expoentes da indústria do alimento para juntos construirmos um futuro cada vez mais próspero e sustentável.

www.yarabrasil.com.br



Nutrientes para a Vida

Comunicando o valor dos Fertilizantes



NPV: 11 ANOS E MUITO TRABALHO, COM RESULTADOS

Iniciativa da ANDA, o movimento Nutrientes para a Vida (NPV) completa 11 anos de trabalho ou, como prefere o Coordenador científico da entidade — doutor em Ciência do Solo pela École Supérieure Agronomique de Montpellier, na França, e Professor do

Curso de Especialização em Solos e Nutrição de Plantas na ESALQ/USP — Valter Casarin, “continuamos criança, mas bem levadinhos, porque temos feito bastante trabalho”. Ligada à Nutrients for Life dos Estados Unidos e à Nutriments pour la vie do Canadá, a entidade — comemora Casarin — apresenta resultados expressivos, reconhecidos pelas parceiras internacionais.

O detalhamento das ações começou com uma homenagem ao fertilizante: “Aquele que todo mundo gostaria de ter na sua equipe: competente, confiável, preciso e eficiente; sabe ouvir as necessidades de cada situação, responder de maneira adequada; não desperdiça recursos, ajuda a superar desafios, trabalha pelo desenvolvimento dessa nação. Ele não nasceu para aparecer, nasceu para fazer a diferença. Esse é o produto que nós trabalhamos. Na NPV, nós respiramos, nós vivemos, nós pensamos o tempo todo nesse sujeito”, reforçou Casarin.

Esse trabalho de apresentar o fertilizante, em especial à população fora do agro, busca mostrar a qualidade do insumo e sua imprescindibilidade para alimentos seguros e nutritivos. A iniciativa aproxima ciência, agricultura e sociedade, criando conteúdos didáticos para evidenciar o papel do fertilizante na saúde humana.

DEPOIMENTOS CORROBORAM RESULTADOS

Ao longo da apresentação da NPV, depoimentos nacionais e internacionais avalizaram o relatório. Em vídeo, a Vice-presidente da Nutrients for Life dos Estados Unidos, Haley Siergie, apontou o papel da entidade em contribuir para que “todos entendam de onde vem sua comida e a ciência por trás que torna tudo possível. Compartilhamos a responsabilidade de não só ajudar a alimentar uma população crescente, mas também garantir que as pessoas compreendam a ciência, a inovação e, talvez, o mais importante: a responsabilidade da agricultura moderna”.

O trabalho também foi destacado em vídeo por José Luiz Tejon Megido, Diretor da Biomarketing e docente em pós-graduações com Fecap e Audencia Business School (França). Para ele, revendedores, cooperativas e agricultores levam o benefício da adubação da lavoura à mesa do consumidor: “São, portanto, vendedores de saúde, de saúde em todos os sentidos, pois solo bem



nutrido, planta bem cuidada, alimento cada vez melhor no nosso prato, e alimento é sinônimo de saúde, e Brasil: saúde, agro tropical planetária”.

RELATÓRIO 2026

Em sua palestra, o Coordenador científico da NPV destacou realizações de 2026, como a participação na Agrishow, em parceria com a associação De Olho no Material Escolar, e o apoio ao Museu de Ciências Naturais da Universidade Estadual de Ponta Grossa (PR) para uma área sobre fertilizantes com cartilhas via QR Code.

Casarin listou iniciativas como *talk show* no YouTube com especialistas; presença em redes sociais com vídeos didáticos (agrovirais) com mais de 1 milhão de visualizações orgânicas; viagens de jornalistas para conhecer a produção do fertilizante desde a mina até à fábrica; palestras para públicos não agrônômicos e cartilhas educativas para crianças.

Homenagem ANDA

Prêmio Carlos Florence: reconhecimento à pesquisa e à inovação



Criado para fomentar a pesquisa, estimular a inovação e reunir os principais estudos acadêmicos sobre nutrição vegetal, o Prêmio Carlos Florence consolida-se como a maior premiação do setor de fertilizantes no país. Nesta quinta edição, a Comissão Julgadora concedeu, além da premiação principal, menções honrosas a cinco trabalhos.

José Carlos Polidoro — pesquisador da Embrapa Solos e representante da comissão julgadora — destacou durante a cerimônia a iniciativa da ANDA e assegurou que, nas cinco edições, “houve um amadurecimento, alcançando abrangência nacional, com a contribuição das principais instituições de ciência e tecnologia do país, públicas e algumas privadas, não só com a quantidade, mas com a qualidade das propostas”.

A entrega do prêmio foi realizada por **Elias Alves Lima**, Presidente do Conselho de Administração da ANDA, e **George Wagner Bonifácio e Sousa**, Presidente da AMA Brasil e conselheiro da entidade. A comissão julgadora, além de Polidoro, reuniu ainda **Vinícius de Melo Benites**, pesquisador da Embrapa Solos, e **Heitor Cantarella**, Diretor do Centro de Solos do Instituto Agrônomo (IAC).

O vencedor da edição, agraciado com certificado e R\$ 15.000,00, foi **Euler dos Santos Silva**, da Universidade Federal de Lavras, autor do trabalho “Tecnologia de co-granulação de fertilizantes fosfatados com enxofre elementar micronizado”.



Euler dos Santos Silva, da Universidade Federal de Lavras



MOVEMOS FERTILIZANTES. IMPULSIONAMOS TODA UMA CADEIA.

Soluções completas para movimentação de fertilizantes, com equipamentos, manutenção, gestão e mão de obra especializada.

Da descarga à movimentação interna, a Armac atua para garantir produtividade, disponibilidade e eficiência em operações que não podem parar.

*Sua operação em movimento.
Do porto ao destino.*

armac



Saiba mais
no QR code

PARCERIA ACADEMIA E INDÚSTRIA

Em seu pronunciamento, Silva destacou o incentivo da cadeia produtiva à inovação e agradeceu à EuroChem, que, “acreditando nesse processo, financiou a nossa operação, acreditando nos nossos resultados e no que nós e o nosso laboratório poderíamos produzir para a sociedade, para a indústria e para os produtores”.

Para ele, o prêmio celebra “a conclusão do meu doutorado e o reconhecimento como um dos melhores trabalhos do Brasil na área de tecnologias para fertilizante, entregando não somente números, mas também resultados que permitem que, com nosso trabalho, a indústria possa se basear e, talvez, produzir produtos, inovações, metodologias e técnicas para que agreguem cada vez mais sustentabilidade e eficiência de uso dos nutrientes”.

MENÇÕES HONROSAS



Everton Geraldo de Moraes, da Universidade Federal de Lavras, pelo trabalho “Ureia enriquecida com iodo: uma inovação em fertilizantes de duplo benefício para aumentar a eficiência do nitrogênio e a resiliência ao déficit hídrico”. Foi representado pelo Prof. Guilherme Lopes



José Fernando de Oliveira Delgado, da Universidade Estadual de Londrina, por “Desenvolvimento de dosador de fertilizantes sólidos de dupla esteira”.



Ingrid Martins Stelutti, da ESALQ/USP, por “Produção de ureia com boro para reduzir perdas de nitrogênio e aumentar a produtividade das culturas”.



Leonardo José Vitti, do Instituto Agronômico de Campinas, por “Resposta da cana-de-açúcar a doses de nitrogênio sob cenários econômicos variáveis: resultados de estudo de longo prazo”.



Leônidas Canuto dos Santos, da Universidade Federal de Lavras, por "Aplicação combinada de selênio, zinco e ureia mitiga o déficit hídrico e potencializa a biofortificação e bioacessibilidade em arroz de terras altas".

QUEM É CARLOS FLORENCE

Carlos Florence dedicou a vida a tornar o agro mais fértil. Empresário e visionário do setor de fertilizantes, se tornou uma importante liderança à frente de entidades do cenário nacional. Dentre elas, destaque para a Associação dos Misturadores de Adubo do Brasil, a AMA Brasil. Como Diretor-executivo, liderou a organização do setor de forma brilhante, ajudando a consolidar o papel dos fertilizantes na cadeia produtiva.



BULK LIQUID SOLUTIONS (P) LTD

O melhor Big Bag para seus fertilizantes e produtos agrícolas !
Seguro | Confiável | Sustentável

Email: frederick@bulkliquid.com Cell: +91 – 8879347010 Website: www.bulkliquid.com

Painel 3

Do Potencial à Escala: reindustrializar para crescer, descarbonizar para liderar



REINDUSTRIALIZAR NA VISÃO DA INDÚSTRIA, DO PRODUTOR E DO REGULATÓRIO

Sob a coordenação de **Guilherme Schmitz** – Vice-presidente de Marketing e Agronomia da Yara Brasil –, o painel teve como debatedores **Eliane Cristina Barbosa Cardoso**, Diretora-executiva da Coocacer Araguari; **Fabício Soler**, Advogado especializado em Direito Ambiental e sócio da S2F; e **Felipe Pecci**, Vice-presidente Comercial da Mosaic. Juntos, mostraram com exemplos como cumprir o tema central do terceiro painel do CBFer: “Do Potencial à Escala: reindustrializar para crescer, descarbonizar para liderar”.

Em sua apresentação inicial, ao resumir os desafios do setor, gerados por conflitos geopolíticos e responsáveis por descompasso entre oferta e demanda, Schmitz frisou “o potencial do Brasil como protagonista do agronegócio mundial” e lembrou que “essa consolidação passa por reindustrialização, inovação, descarbonização e integração das tecnologias em campo. Hoje transformações



Guilherme Schmitz, Vice-presidente de Marketing e Agronomia da Yara Brasil

tecnológicas, geopolíticas e climáticas remodelam as cadeias globais de valor, o que abre uma janela muito oportuna para a reindustrialização e o reposicionamento da indústria de maneira sustentável, crescendo e atendendo às metas climáticas.”

O diagnóstico feito pelo Vice-presidente de Marketing e Agronomia da Yara Brasil reforçou, em um mundo no qual consumidores, investidores e cadeias globais exigem cada vez mais rastreabilidade, transparência e metas concretas de descarbonização, com mensuração de impacto real, a posição privilegiada do país devido a características como a “nossa matriz energética que já é cerca de 75% renovável e sustentável”.

Schmitz ressaltou a importância de cada um dos segmentos ali representados para o tema: o produtor, que emprega na produção do café altíssimo nível tecnológico, o regulatório, tema fundamental dentro do movimento de descarbonização e bioinsumos, e a fabricante, mostrando a transformação que a indústria de fertilizantes pode proporcionar ao agronegócio, afinal, “ser sustentável deixou de ser apenas reputacional para se tornar condição de atração de capital, acesso a mercados e geração de valor. Como costumamos dizer, não dá para fazer o verde com os números no vermelho. A sustentabilidade tem de ser um negócio rentável para o agricultor, para a indústria e para o consumidor final.”

Ao apresentar a Diretora-executiva da Coocacer, o executivo da Yara Brasil explicou que a intenção era demonstrar “como podemos reindustrializar o país com inteligência, aliando produtividade à sustentabilidade por meio de inovação, energia limpa, economia circular e novos modelos de negócios. A questão central não é escolher entre crescimento ou preservação ambiental; ambas as agendas devem avançar de forma integrada. O desafio é utilizar a sustentabilidade para acelerar o crescimento, transformando vantagens naturais em competitividade, atraindo investimentos, gerando tecnologia nacional e reduzindo a dependência externa de insumos. A agricultura brasileira está atenta ao conhecimento tecnológico e a novas fontes de receita.”

DESCARBONIZAÇÃO É EFICIÊNCIA DE GESTÃO

Relacionando sua vida profissional de 26 anos na cooperativa de cafeicultores com sua história pessoal, pois desde os sete anos vivencia a rotina de uma fazenda e acompanhou de perto a transformação do solo do Cerrado Mineiro, um dos solos mais pobres do país, em uma potência produtiva, Eliane Cardoso, assegurou que “descarbonização significa eficiência de gestão. Ambas precisam caminhar lado a lado. Trata-se de um processo amplo, no qual analisamos todos os elos da cadeia e os insumos que entram na propriedade, exatamente como demonstram os resultados do nosso projeto de café sustentável em parceria com a Yara.”

Na prática, para Cardoso, essa é uma agenda baseada no quarteto fantástico – produtividade, qualidade, rastreabilidade e sustentabilidade, integrados à eficiência gerencial, pois “não adianta exigir que o produtor cuide do verde se as contas estiverem no vermelho. Para assegurar a rentabilidade, esse quarteto precisa caminhar em sintonia com as metas de mitigação ambiental.”

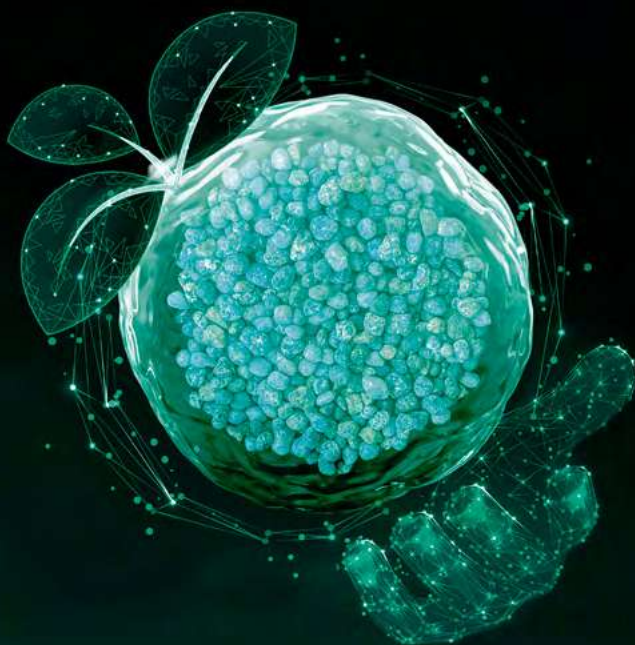
Em paralelo à evolução do Cerrado, a cooperativa se desenvolveu, reunindo agricultores abertos à descarbonização e a novas práticas agrônomicas: “A nossa evolução histórica não ocorreu apenas no volume colhido, mas na forma como qualificamos o processo produtivo”, reforça Cardoso. Para ela, a cafeicultura é segmentada em três fases, “a tradicional, voltada à abertura de áreas e volume; a mecanizada, a partir dos anos 2000, focada na estruturação operacional; e a atual, que marca a transição de um modelo empresarial para uma agricultura tecnológica. É essa cafeicultura que o Cerrado oferece ao Brasil e ao mercado internacional, para onde exportamos 70% da nossa produção.”

A recomendação da Diretora-executiva da Coocacer para o mercado envolve estabelecer diálogo entre a alta tecnologia e os desafios de inovação. “Quando conhecemos a proposta da Yara para o projeto piloto de descarbonização,

tínhamos a convicção de que o produtor exige métricas e resultados claros. Não adiantam campanhas publicitárias ou discursos institucionais se não houver entrega técnica na fazenda. O produtor busca o quarteto fantástico porque compreende que ele agrega valor econômico ao café.” Estabelece-se, assim, um círculo virtuoso que mostra resultados: “Na safra atual, produtores em áreas de teste que colhiam entre 40 e 50 sacas por hectare alcançaram patamares de 80 a 90 sacas. O cafeicultor mensura o ganho em produtividade e depois comprova o resultado na qualidade da xícara. O primeiro cafeicultor participante do projeto entregou sua produção à cooperativa cumprindo integralmente as exigências técnicas e os critérios de rastreabilidade certificados. Esse café atende os mercados consumidores europeu e norte-americano, além do próprio mercado doméstico, onde os brasileiros também demandam e valorizam produtos sustentáveis. Nosso desafio é estruturar e desenvolver ainda melhor esse público consumidor.”



Eliane Cristina Barbosa Cardoso
Diretora Executiva da Coocacer Araguari



Tecnologia em **Aditivos para Fertilizantes**



MISTURADORAS

Indústria produtiva,
limpa e segura!
Otimização de
processos que
gera lucro.



PORTOS

Análise e melhoria
nos processos!
É mais
produtividade
sem pó.



PRODUTORES

Soluções
práticas para alta
lucratividade.
Produza mais no
mesmo espaço.



GRANULADORAS

Melhores tecnologias
para processos
eficientes, limpos,
seguros e lucrativos.

Na FertMinas, desenvolvemos soluções que elevam a performance da sua produção. Garantimos micronutrientes em cada grânulo, homogeneidade em toda a formulação e processos mais simples e eficientes.

Com nossas tecnologias, reduzimos a geração de pó (anti-dusting), prevenimos empedramentos (anti-caking) e asseguramos mais estabilidade, fluidez e qualidade ao fertilizante final.



Acesse e conheça
nossas soluções.

Av. Santos Guido, 400 - Distrito Industrial I, **Uberaba - MG**
+55 (34) **3313-6400**. +55 (34) **3316-2017**



 www.fertminas.com.br

 contato@fertminas.com.br

**Great
Place
To
Work.**

Certificada

Dez/2025 - Dez/2026

BRASIL

MARCO REGULATÓRIO: ESTÍMULO AO INVESTIMENTO OU COMPLICADOR?

Filho e neto de produtores rurais, atuando há 25 anos como Advogado e Doutor em Direito Ambiental Internacional, Soler buscou destacar aspectos centrais da legislação socioambiental, a exemplo de impactos climáticos extremos, que já geram prejuízos reais no campo por meio de secas severas, em um cenário no qual o produtor convive com um gargalo – a dificuldade de contratação de seguros para safras e maquinários – e conquistas significativas, como a publicação da lei que regulamenta o mercado de carbono no Brasil; o Código Florestal, que, após mais de uma década de vigência, firmou-se como indutor de conformidade ambiental; e a Lei Geral do Licenciamento Ambiental, em debate no Supremo Tribunal Federal para avaliação de dispositivos em audiência pública.

Para esse Advogado especializado em Direito Ambiental, a instituição de um sistema regulado de compra e venda de créditos abre oportunidades relevantes, desde que esse sistema seja encarado sob o prisma econômico do desenvolvimento sustentável, pois, na descarbonização, o pilar de negócios precisa ser valorizado, enquanto no debate sobre o Licenciamento Ambiental é preciso reconhecer a otimização dos processos para conferir dinamismo, celeridade e segurança jurídica aos investimentos.

Soler frisou em sua fala que, enquanto o Código Florestal levou “milhares de propriedades rurais a contarem hoje com áreas de preservação permanente conservadas, reserva legal averbada e registro no Cadastro Ambiental Rural (CAR), assegurando acesso a crédito e a financiamentos estruturantes para a agroindústria”, o campo convive com dificuldades relacionadas à licença de operação. “É inadmissível que empreendimentos aguardem dez anos por uma licença, especialmente em meio a uma estratégia de reindustrialização focada em manter a geração de emprego e renda no país”, declarou.



Fabrício Soler, Advogado especializado em Direito Ambiental, Sócio da S2F

Outro aspecto citado pelo especialista em Direito Ambiental refere-se à possibilidade real de rastreabilidade como exigência central no comércio global. “A União Europeia aprovou o regulamento de embalagens e resíduos de embalagens (PPWR), que entrou em vigor em 12 de agosto. A diretriz exige a comprovação da origem dos materiais e a compensação do impacto ambiental de quaisquer embalagens introduzidas no mercado europeu. Trata-se de uma barreira não tarifária: quem não comprovar a mitigação de resíduos não acessa o bloco. Tivemos recentemente o caso de um exportador de proteína animal barrado por não cumprir a norma local. O desafio regulatório é internacional.”

Ao lado dessa necessidade, Soler situou a urgência da regulamentação dos bioinsumos. “O setor convive com insegurança jurídica e sobreposição de competências entre o Ministério da Agricultura, a Anvisa, o Ibama e o Ministério do Meio Ambiente. O país detém tecnologia e investimentos prontos, mas que acabam represados por entraves burocráticos no processo de registro”, lamentou e agregou “a edição do decreto presidencial de 21 de outubro disciplinando a logística reversa de embalagens plásticas. A norma obriga os responsáveis pela colocação de plásticos no mercado a estruturarem a coleta e a destinação final adequada. O

setor agroindustrial vem atuando para equacionar esses impactos sem desestabilizar a cadeia e o produtor rural na ponta.”

Diagnóstico traçado, Soler, sinalizou três condições como essenciais para a superação desses gargalos. “Precisamos de clareza normativa, segurança jurídica para o setor privado e isonomia concorrencial. A indústria nacional muitas vezes sofre concorrência predatória de insumos importados sem o devido controle técnico e fiscalizatório”, alertou, destacando que “reindustrialização e descarbonização demandam regras estáveis e equilibradas.”

Por trás de GRANDES PRODUTIVIDADES, tem fósforo de qualidade.

A diferença começa na nossa origem. E chega às lavouras do Brasil com a certeza da solubilidade em cada grânulo.



Fósforo não é tudo igual

O Selo de Qualidade do Fósforo OCP Nutricrops é a segurança de aplicar um produto desenvolvido a partir das maiores reservas do mundo, com a garantia de quem lidera o mercado global de fosfatados.



ocpbrasil.com.br



ocp.brasil



ocpbrasil

PRODUTIVIDADE E SUSTENTABILIDADE: INTERDEPENDÊNCIA

“A união entre produtividade e sustentabilidade é uma diretriz inegociável”, assegurou Pecci no início de sua apresentação, usando como argumento a trajetória histórica da indústria de fertilizantes: “Levantamentos da própria ANDA mostram que a produção de grãos registrou salto exponencial nas últimas décadas acompanhada pelo consumo de adubos, enquanto a expansão em área foi proporcionalmente ínfima. A eficiência nutricional é um caso consolidado de sustentabilidade.”

No entanto, os problemas e as dificuldades são patentes, tornando o atual um dos cenários mais complexos dos últimos 25 anos no setor. As causas estão vinculadas a taxas de juros, que permanecem muito elevadas, “superando, em determinadas regiões, a própria margem da atividade”, e são acompanhadas por margens comprimidas, volatilidade de custos e tensões geopolíticas. “Não basta nos apoiarmos nas conquistas do passado; precisamos introduzir novas tecnologias que alavancuem o rendimento do produtor”, reivindicou Pecci.

Citando a empresa em que atua como Vice-presidente comercial, falou sobre recente lançamento de “linhas de negócios focadas em soluções biológicas e insumos hidrossolúveis para fertirrigação.” Tal iniciativa está coerente com a postura do agricultor, que “tem ampliado a realização de análises laboratoriais para mapear com exatidão a reserva de nutrientes no solo, como o fósforo.”

Essa postura da Mosaic também levou em conta o fato de o mercado de biológicos avançar a um ritmo superior a 15% ao ano e aos benefícios que trazem. Esses insumos – argumentou



Felipe Pecci, Vice-presidente Comercial da Mosaic

Pecci – “reduzem a vulnerabilidade do produtor a gargalos logísticos globais, complementam a fertilização convencional e agregam incrementos de três a cinco sacas por hectare frente a fertilizantes diferenciados comuns.”

O pronunciamento deste executivo foi encerrado com a proposta de uma “leitura pragmática da sigla ESG focada em Economia, Segurança e Geopolítica. Economia, porque o manejo precisa ser financeiramente viável para a fazenda; Segurança, no sentido de termos previsibilidade jurídica e regulatória para justificar aportes industriais e comerciais de longo prazo; e Geopolítica, porque o fornecimento de insumos deve estar protegido de riscos extremos de ruptura nas cadeias globais de suprimento.”



Adufertil

Part of Indorama Corporation

INDORAMA

Essential materials. Better lives.

Com mais de 45 anos de história, a Adufertil é referência em soluções nutricionais para o agronegócio brasileiro, com uma infraestrutura robusta e presença estratégica, através das unidades de misturas de fertilizantes sólidos localizadas na região centro-sul do Brasil: Jundiaí/SP, Alfenas/MG e em breve, ampliaremos nossa cobertura com uma nova unidade em Aracruz/ES. Em 2025 a Adufertil, concluiu também a aquisição da Fass Agro, empresa líder na oferta de NPK fluido, reforçando assim a estratégia de crescimento da empresa no Brasil.

Desde 2021, a Adufertil integra a Indorama Corporation, referência mundial na produção de fertilizantes. A força global da Indorama somada à expertise local da Adufertil nos prepara para os desafios do agronegócio moderno, contribuindo assim para a segurança alimentar do país.



@adufertilfertilizantes | www.adufertil.com.br | Acesse nossas páginas diretamente pelo seu celular! Aponte sua câmera para o QR Code ➡



Part of Indorama Corporation

Referência em Aditivos

Eficiente

Sustentável

Confiável



Tecnologia que transforma desafios em resultados.

Estivemos mais uma vez no **Congresso ANDA**, fortalecendo conexões, compartilhando conhecimento e apresentando soluções para os desafios da indústria de fertilizantes.

Entre os destaques desta edição, apresentamos o **PhosProtec**, tecnologia desenvolvida para aumentar a eficiência dos fertilizantes fosfatados, favorecendo maior **disponibilidade de fósforo no solo e melhor aproveitamento pelas plantas**.

Seguimos inovando e desenvolvendo tecnologias que unem **eficiência, sustentabilidade e confiança** para contribuir com a evolução da indústria de fertilizantes.

Adfert. Tecnologia para uma indústria mais eficiente.

Acompanhe a Adfert:



@adfertaditivos



@adfert



@adfertaditivos



adfert.com.br

Painel 4

Política, Economia e Campo: desafios para os próximos anos

No cenário global, incerteza é comum e a lei do mais forte substitui a ordem estabelecida



“Política, Economia e Campo: desafios para os próximos anos” foi o foco do quarto e último painel do CBFer. Coordenado por **Elias Alves Lima**, Presidente do Conselho de Administração da ANDA, o tema foi desenvolvido pelo Jornalista William Waack, ao longo de 50 minutos.

Já no início, Waack contextualizou o momento histórico que permeia o cotidiano do país e das cadeias produtivas, afinal, em oposição ao que foi característico por alguns anos – a atuação em ambiente protegido das intempéries externas – o agronegócio e os demais setores da economia brasileira encontram-se pressionados por uma combinação de choques geopolíticos internacionais, rearranjos estruturais de poder e profundas incertezas no cenário doméstico.



Elias Alves Lima, Presidente do Conselho de Administração da ANDA

Korn-KALI® +B

K Mg S B

Adubo granulado com **K, Mg, S e B** em um único grânulo, prontamente disponíveis para as plantas para aplicação via solo.

K+S é mais resultado.

“A primeira característica do momento em que nós estamos vivendo é a imprevisibilidade”, assegurou o palestrante, realidade que se contrapõe à ordem baseada em normas diplomáticas e comerciais presentes desde o término da Segunda Guerra Mundial que favoreceu nações como o Brasil.

Esse período, “extraordinariamente crítico”, em sua opinião, assemelha-se aos períodos de sete a oito décadas que antecederam grandes conflagrações no século XX. Ele argumentou que o planeta assiste à demolição completa de um arcabouço construído ao longo de 80 anos, enquanto o arranjo substituto permanece indefinido.

A agenda apresentada envolveu o tabuleiro global e as dores mais prementes da realidade brasileira, fundamentada em postulados sobre o cenário internacional, seguida dos reflexos diretos no Brasil, na ansiedade com a disputa presidencial, as crises institucionais e o papel do Judiciário.

LEI DA SELVA

“Essa ordem que vigorou desde o final da Segunda Guerra Mundial até agora está sendo substituída pelo que a gente chama, com toda a razão, de lei da selva, caracterizada pela lei do mais forte”, advertiu Waack, lembrando que essa lógica não é uma invenção contemporânea, resgatando a formulação feita há 2.500 anos pelo general e historiador ateniense Tucídides, ainda hoje invocado em discursos pela liderança chinesa. Na síntese do pensador grego, os mais fortes fazem o que bem entendem, enquanto os mais fracos se submetem se tiverem juízo. “Nós estamos na banda dos mais fracos”, sinalizou, ao sentenciar: “Aquele mundo no qual a gente cresceu, prosperou, tentou prosperar, de alguma forma se arrumou e achava que entendia, esse mundo acabou. Esse mundo não volta mais.”

Essa nova ordem se caracteriza, por exemplo, pelo embate entre Estados Unidos, ainda detentores da hegemonia global sob os ângulos militar, econômico e diplomático, que, pela primeira vez em oito décadas encaram um rival em condições de desestabilizar múltiplos equilíbrios simultâneos:

a China. Resumindo o cenário, o Jornalista falou que o equilíbrio convencional bélico está sendo desfeito, o equilíbrio financeiro sofre o desgaste do enfraquecimento gradual do dólar e da contestação aos pontos de estrangulamento internacionais que Washington sempre manipulou como alavancas de pressão, a exemplo das sanções recentemente intensificadas no Oriente Médio. Somou a isso as alterações no equilíbrio nuclear, a corrida des governada pela inteligência artificial e a consolidação da China como a grande oficina manufatureira do planeta.

Para Waack é vital a qualquer empresário ou tomador de decisão o conhecimento dos ditames da geopolítica: “As grandes decisões hoje são tomadas pela geopolítica. Segurança e poder: esses dois fatores hoje ditam os principais acontecimentos, os outros estão subordinados”, explicou. Nesse sentido, “medidas protecionistas como tarifas unilaterais não devem ser analisadas pelo prisma de lucros ou perdas do comércio, mas sim como instrumentos de imposição e segurança nacional de potências que buscam blindar suas fronteiras, seus alimentos e suas tecnologias contra adversários estratégicos.”



William Waack, Jornalista

REFLEXOS NO BRASIL

A dificuldade histórica do Brasil em processar essa transformação foi outro ponto destacado por Waack, uma vez que, “isolado geograficamente dos epicentros de ódios étnicos, guerras religiosas e atritos territoriais, o país desenvolveu uma postura que se assemelha a uma anestesia coletiva. Os brasileiros cresceram acreditando que os acontecimentos internacionais não cruzam o Atlântico, uma bênção que, pelo lado inverso, gerou alienação. A anestesia descrita pelo palestrante, de acordo com ele, materializa-se na total vulnerabilidade da defesa brasileira: “O território nacional se encontra virtualmente indefeso em caso de pressões militares convencionais, como já foi declarado recentemente e de forma

bem-humorada pelo ministro da Defesa, José Múcio, que, quando questionado sobre a hipótese de uma invasão externa, respondeu com ironia que abriria o portão, corrigindo-se logo em seguida ao admitir que não existia nem mesmo portão para ser aberto.”

Em outras palavras, é preciso estar ciente de que “o que acontece lá fora em termos geopolíticos é imediatamente aqui, no nosso colo, na nossa cozinha. A geopolítica acontece dentro da nossa casa”, afirmou. Como exemplo, citou o pleito eleitoral deste ano como “o primeiro desde o pós-guerra a sofrer impactos determinantes de variáveis globais sobre a conduta de candidatos e votantes.”



PORTO DE SÃO
SEBASTIÃO - SP

TRANSCOPA.COM.BR **TRANSCOPA**

TRANSCOPALOGISTICA

ESTRUTURA PARA OPERAÇÕES COM FERTILIZANTES E COMMODITIES AGRÍCOLAS

ESCANEIE O QR CODE



OPERAÇÕES
PORTUÁRIAS



ARMAZENAGEM



TRANSPORTES



EMBEGAMENTO
ENSACAMENTO

+ 55 (12) 9 9737-3987
+ 55 (12) 3892-1171

COMERCIAL@TRANSCOPA.COM.BR

IMPACTO NO AGRONEGÓCIO

A vulnerabilidade do agronegócio – na visão de Waack – “tem a força de uma carreta de 45 toneladas em alta velocidade. O país depende de clientes asiáticos para absorver seus volumes exportados ao mesmo tempo em que depende do Ocidente para obter insumos tecnológicos, fertilizantes e crédito. Quando esse eixo entra em rota de colisão por decisões estratégicas tomadas em Washington ou Pequim, os impactos são automáticos nas cadeias de suprimento.”

Relacionando os acontecimentos da atualidade a fatos históricos mais ou menos recentes, comparou o fechamento do Estreito de Dardanelos, durante a Primeira Guerra Mundial aos atuais bloqueios no Estreito de Ormuz ou ameaças no Estreito de Taiwan, que afetam diretamente o frete, a inflação internacional, as taxas de juros americanas e o custo dos fertilizantes importados pelo produtor local. O lado positivo, para ele, é que esse rearranjo abre um horizonte promissor para o país, naquilo que batizou de nova geopolítica das commodities, alicerçada em energia fóssil e renovável, produção de alimentos e reservas minerais.

“O Brasil avança na exploração de petróleo na margem equatorial, integra um eixo energético continental que se estende do Canadá à jazida argentina de Vaca Muerta e lidera globalmente as matrizes de bioenergia. No setor agropecuário, tornou-se o grande protagonista da revolução da agricultura tropical, com tecnologia, ciência e ganhos exponenciais de produtividade. Por fim, reúne reservas vitais de terras raras, minerais essenciais para as indústrias automotiva e de defesa norte-americanas”, resumiu, alertando que, para transformar essa vantagem comparativa em poder real, é preciso vencer a “carência crônica de inteligência estratégica no país”, que se configura a habilidade elementar entre Estado e iniciativa privada de pactuarem metas de longo prazo que ultrapassem o ciclo de quatro anos de um mandato presidencial, prevenindo-se contra o desperdício de uma das principais janelas de oportunidade histórica.

Pedi atenção especial ao fato de os Estados Unidos atuarem com base em uma nova doutrina de segurança nacional que considera “este hemisfério deles”, e da qual não abrem mão, pois Washington “enxerga qualquer penetração de influência chinesa na América do Sul como uma ameaça direta à sua segurança hemisférica.”

Waack agregou a essa lógica intervencionista, a fragilidade institucional brasileira diante do crime organizado, que virou uma questão de Estado para o governo norte-americano: “Quando organizações criminosas brasileiras são declaradas como terroristas pelo governo dos Estados Unidos, eles estão dizendo o seguinte: o que vocês não controlam nos afeta. Portanto, nós vamos controlar o que vocês não controlam, se necessário for, lá onde vocês estão”, alertou, fazendo críticas ao “discurso vazio sobre soberania comumente entoado por lideranças políticas em palanques eleitorais, uma vez que o Estado já não exerce controle efetivo sobre vastas áreas desmatadas da Amazônia ou sobre periferias metropolitanas dominadas pelo Comando Vermelho e pelo Primeiro Comando da Capital.”

ELEIÇÃO: INDEFINIÇÃO DESCONFORTÁVEL

Ao voltar os olhos para a cena política doméstica, Waack avaliou que a eleição nacional se encontra em uma indefinição desconfortável, em que os conceitos tradicionais de esquerda e direita pouco explicam o funcionamento da máquina pública brasileira, dominada por confrontos entre impulsos liberais e iliberais distribuídos de maneira confusa pelo Congresso. Em decorrência disso, “o resultado eleitoral está no fio da navalha”, comprovado pelo diagnóstico exposto por modelos estatísticos consolidados, que mostram repetição da dinâmica de 2022, na qual margens estreitíssimas decidirão o vencedor. A fatia determinante do eleitorado, que migra de lado e decide o pleito, costuma firmar sua posição apenas 72 horas antes de comparecer à urna.

O momento é afetado, ainda, pelo desgaste governamental e pela repetição de dogmas econômicos equivocados, que geram clima de forte angústia econômica. “O Brasil assiste a uma rápida deterioração fiscal decorrente de pressões demográficas incontornáveis, armadilha da renda média e inviabilidade financeira do modelo de seguridade desenhado na redemocratização, com consequências tais como disparada da dívida pública e juros reais escorchantes, que paralisam investimentos da lavoura ao comércio varejista.”

SOLUÇÃO NA POLÍTICA

Ao fim de sua apresentação, Waack agregou ao cenário descrito a erosão institucional e a fragmentação das regras de convívio social, pois “um ambiente funcional exige partidos programáticos e um Judiciário que exerça seu papel de árbitro sem suscitar suspeições. Em vez disso, o país convive com legendas desprovidas de plataforma ideológica e um Supremo Tribunal Federal

centralizador e desacreditado perante expressiva parcela da sociedade.” Também definiu as agremiações partidárias contemporâneas como “agrupamentos de interesses privados cujo único propósito é orbitar o orçamento público.”

A solução está no que ele chama de *concertación*, expressão que se inspira na história política latino-americana e define a capacidade de lideranças divergentes pactuarem um horizonte comum pelo bem do país: “A situação geopolítica é perigosa, mas não é decisiva. Nós temos um grande horizonte. A situação política é precária, mas só da política nós vamos ter as saídas que a gente precisa.”

Enxerga também “uma luz de esperança fora dos gabinetes de Brasília”, mais especificamente na dinâmica socioeconômica observada no interior produtivo do país, como no arco que se estende do norte do Rio Grande do Sul ao sul do Piauí, impulsionado pela agroindústria. Nessa

Quem Somos?



Suresh Speciality Indústria Química faz parte do grupo Neelam Aqua & Speciality Chem - Índia, foi fundada em 1980 e dirigida pelo Dr. Suresh Singh, cientista eminente com mais de 50 anos de experiência na área de pesquisa e desenvolvimento na indústria de fertilizantes.

A empresa já desenvolveu mais de 200 produtos e estabeleceu mais de 11 fábricas localizadas em diferentes partes do mundo.

Fomos os primeiros na Ásia a fabricar HEDP (organofosfato) e a implementar seu uso no tratamento de água de resfriamento. A empresa hoje fabrica e fornece soluções personalizadas para tratamento de água de resfriamento e melhoria da qualidade de fertilizantes.

Os produtos projetados para fornecer grânulos de fertilizante de fluxo livre, sem poeira e brilhantes. Ele garante que os problemas de aglomeração, poeira e descoloração sejam facilmente superados com o uso seus produtos. As propriedades físicas permanecem boas da fábrica ao campo. Atualmente no Brasil temos 2 fábricas localizadas em Uberlândia-MG e Cachoeirinha-RS.



SURESH
SPECIALITY INDÚSTRIA QUÍMICA



SOMOS A ÚNICA NO BRASIL DO GRUPO
NEELAM AQUA & SPECIALITY CHEM



faixa geográfica, ele identifica a consolidação de novos referenciais comunitários, calcados no mérito individual, na valorização do trabalho e na iniciativa privada, valores que possuem potencial de arejar a cultura política nacional a médio prazo.

NO DEBATE, SEGURANÇA ALIMENTAR E ELEIÇÕES

O Presidente do Conselho de Administração da ANDA inquiriu sobre a nova ordem mundial que transformou fertilizantes, energia e alimentos em matérias-primas de sobrevivência e segurança nacional e a contribuição que o Brasil pode dar ao mundo por possuir recursos naturais invejáveis e um agronegócio altamente tecnificado, mesmo que atrelado à importação massiva de insumos básicos. Em outras palavras: O que o país precisa fazer concretamente para converter essa abundância física em peso diplomático e relevância geopolítica nas mesas internacionais de negociação?

Na resposta, Waack reiterou que a solução depende de um alinhamento estreito entre iniciativas privadas e formulação legislativa; citou a atuação da Frente Parlamentar da Agropecuária e os estudos elaborados pelo Instituto Pensar Agro como exemplos bem-sucedidos de estruturação técnica, e ressaltou a dificuldade de o setor superar barreiras ideológicas dentro do Congresso e do próprio governo. Entre os exemplos, listou o projeto de modernização do registro de defensivos agrícolas, “carimbado perante a opinião pública como projeto do veneno devido à incapacidade comunicativa e às disputas políticas rasas”, e o impasse na definição das regras fundiárias e no julgamento do marco temporal indígena. Para ele, “enquanto o setor produtivo não articular sua força econômica em poder político coeso, as vantagens do agro continuarão bloqueadas por travas regulatórias.”

Respondendo a Elias Lima sobre o que esperar de concreto do próximo governo nos próximos quatro anos para recolocar o Brasil no rumo do crescimento sustentável, Waack definiu o caminho como “espinhoso qualquer que seja o vencedor. Não estou vendo grande diferença entre os dois que querem ganhar”, e o país segue vulnerável a choques externos repentinos que podem pressionar as taxas de câmbio e gerar uma corrida cambial desestabilizadora.

Com Lula, a previsão é de um quadro complexo na esfera fiscal diante da convicção persistente de que o Estado pode gastar continuamente além de sua arrecadação sem colher desequilíbrios severos. Caso a oposição vença o pleito, enfrentará a indigesta tarefa de aprovar um ajuste fiscal avaliado por analistas econômicos entre 2% e 4% do Produto Interno Bruto apenas para conter o avanço da dívida e acalmar as curvas de juros.



BIG BAG
TEIXEIRA REVERSE

Sustentabilidade na cadeia de fertilizantes



Certificações que
comprovam **nosso**
compromisso



Período desafiador exige adequação às oportunidades e atuação colaborativa

Elias Alves Lima, Presidente do Conselho de Administração da ANDA, encerrou o CBFer frisando um aspecto que permeou as apresentações: a certeza de que “teremos um período desafiador pela frente. Durante os próximos anos, a economia, a agricultura e a indústria precisarão se reinventar e ajustar-se às oportunidades que vão surgir”.

Apesar dessa perspectiva, Lima reforçou “a força do nosso setor para vencer a dimensão dos desafios que temos pela frente”, como argumento para que as empresas olhem “para o futuro com uma dose de confiança, pois o fator mais positivo é que temos conhecimento, tecnologia, capacidade para enfrentá-los”. Para Lima, da mesma forma que o setor se desenvolve continuamente, o CBFer — evento integrante do calendário do agronegócio brasileiro e consolidado como um dos principais encontros da cadeia produtiva — “também precisa avançar sempre.”

O Presidente do Conselho de Administração da ANDA conclamou ao trabalho colaborativo de todos os elos: produtores rurais, pesquisadores, a academia e o governo na busca dos objetivos comuns para vencer os desafios e aproveitar as “extraordinárias oportunidades. O Brasil tem terra, tecnologia, conhecimento, produtores altamente eficientes e um setor de



fertilizantes cada vez mais preparado para fazer a sua parte. Precisamos transformar essa combinação de virtudes em produtividade, crescimento, competitividade e sustentabilidade, ampliando cada vez mais o protagonismo do agronegócio brasileiro em âmbito mundial”.

Evento Neutro

Como nas edições anteriores, a 13ª edição do CBFer teve neutralizadas as emissões de gases de efeito estufa, com o selo “Evento Neutro” da Eccaplan. Esse selo resulta de programa voluntário de responsabilidade socioambiental para organizações conscientes sobre o problema das mudanças climáticas.



Inclusão

Este evento contou com tradução simultânea para o inglês e em Libras, a língua brasileira de sinais.



Repercussão

44 veículos de mídia participaram da cobertura do Congresso

+60 matérias foram veiculadas em mídias de grande porte

GR Globo Rural

Dependência do mercado externo e conflitos geopolíticos preocupam setor de fertilizantes

2 semanas atrás



AG AgFeed

Com dados inéditos sobre impacto no País, indústria de fertilizantes reforça pressão por subsídio de R\$ 2 bi

1 semana atrás



HP Hora do Povo

Alckmin anuncia crédito de R\$ 4 bilhões para fertilizantes

2 semanas atrás



GR Globo Rural

Setor de adubos pede subsídio de até R\$ 2 bilhões para compra de enxofre

2 semanas atrás



F FOLHAMAX

Custo dos insumos e acesso ao crédito marcam congresso de fertilizantes

1 semana atrás



AG AgFeed

“Safrá Mounjaro” emagrece entregas de fertilizantes, que devem cair mais de 10% em 2026

2 semanas atrás



Apoio De Mídia

Foram firmadas **17** parcerias de mídia para o Congresso.

Apoio de Mídia

AGFeed

agroin
COMUNICAÇÃO

AGRO LINK

AR
AgroRevenda
A Plataforma de Comércio de Distribuição Agro

A Lavoura

argus

CANAL
SOLO FÉRTIL

CONEXÃO
AGRO

DatamarNews

EDITORIA GAZETA

FEIRAS do
Brasil

GestAgro
360°
UM GIRO PELO AGRONEGÓCIO

GlobalFert
Uma nova 360

notícias
AGRICOLAS

MUNDOCOOP
INFORMAÇÃO E COOPERATIVISMO

safras
&mercado

SUCESSO no
CAMPO

Expediente

13° CONGRESSO BRASILEIRO DE FERTILIZANTES

Coordenação
Ricardo Tortorella
Diretor-executivo da ANDA

Apoio
Irene Barbi
Sérgio Kato
Gabriel Lima

Edição de Conteúdo
Katia Penteado - MTb 11.682-SP

Fotos
Gerardo Lazzari e RicaLucas

Design e produção gráfica
MW2 Design

Assessoria de Imprensa
Ricardo Viveiros & Associados

Organização e Produção
Wenter Eventos



Todos os comentários, opiniões, textos, imagens, tabelas, vídeos e materiais iconográficos apresentados durante o 13º Congresso Brasileiro de Fertilizantes são de total responsabilidade dos respectivos palestrantes, debatedores ou moderadores, bem como de suas empresas ou entidades, e não refletem necessariamente o posicionamento da entidade organizadora do evento.



13º Congresso Brasileiro de Fertilizantes

O 13º Congresso Brasileiro de Fertilizantes, promovido pela ANDA, abordou temas relevantes para o cenário atual e futuro do setor, pontos extremamente importantes para a nossa reflexão e para a tomada de decisões.

Agradecendo a participação de mais de 1.000 pessoas presencialmente, entre as quais representantes de mais de 18 países, e de cerca de 3.600 via transmissão on-line, Elias Alves Lima comprometeu-se, em nome da ANDA, a “fazer um congresso cada vez mais relevante e à altura da grandeza do agronegócio brasileiro e de toda a cadeia de fertilizantes” e anunciou a data do próximo encontro: **31 de agosto de 2027.**



Patrocínio Master



Patrocínio Ouro



Patrocínio Prata

